

Reflexões sobre Imagem e Cultura

1 7

A RETOMADA DOS ANOS 2000

Lincoln Nery

QUANDO OS SUPER-HERÓIS BRASILEIROS VOLTARAM

Acredito que todas as pessoas que já tiveram algum contato com textos meus, seja de próprio punho ou em alguma entrevista que me perguntaram sobre como surgiu meu interesse em super-heróis, e conseqüentemente criei o Jou Ventania, já até “respondeu antecipadamente”, mas, querendo ou não, preciso repetir aqui para dar a introdução e fundamentar a informação que passarei neste espaço democrático, plural e lido por tantas grandes mentes da arte sequencial nacional.



Eu era apenas um guri nos anos 1980, com as pouquíssimas variedades que tínhamos de entretenimento, e até por uma “tradição” familiar, acabei interessando-me muito pelos super-heróis que eram uma verdadeira “infestação” na TV com a exibição de desenhos animados, como os norte-americanos **Superamigos**, **Homem-Aranha**, **He-Man**, **Thundercats**, os tokusatus japoneses com suas marcantes cenas, como a batalha em que Jaspion mata seu archi-inimigo Macgaren, **Kamen Rider Black** com aquele arranjo musical incrível no início da canção-tema da abertura, e até o mexicano **Chapolin** do lendário Chespirito.

Provavelmente entre os quatro e cinco anos, lembro-me vivamente de perguntar a minha mãe: – “Não existem super-heróis brasileiros?”. Ela pensou um pouco e respondeu: – “Tem o SuperMallandro, né?”, referindo-se a um esquete do programa **A Hora do Capeta** exibido no SBT e comandado por Sérgio Mallandro.

Nessa época, meu tio me chamava de “Jou Ventania”, provavelmente ele tirou o “Jou” da editora brasileira Mestre Jou, e o “Ventania” seria de um poder de supervelocidade. Enfim, de tanto perguntar como eu era como Jou Ventania, ele desenhou um personagem que lembrava muito o Superman correndo.

Eu lembro da idade da pergunta, pois sei que com 6 anos meus pais me levaram para ver o filme **Batman** em 1989. E toda aquela áurea “dark” e principalmente aquela origem do garoto que tem os pais assassinados depois de irem ver um filme... Bem poderia ser eu, isso me marcou muito.

O irônico é que o Batman, que era um personagem que sempre desprezei, mesmo com a reprise da série de 1966, a animação da Filmation de 1968 exibida no SBT, e sua participação nos **Superamigos** que a Globo exibia, acabou se tornando o combustível que me fez pegar um lápis e



começar a rabiscar esse Jou Ventania, que era um cara de capa e boné, porque eu adorava boné, e achava que faltava isso nos super-heróis. Então quem diz que o Jou é uma cópia barata do Batman está bem enganado. Batman não usa boné.

Não vou entrar na questão da evolução do Jou Ventania para se tornar o que é hoje, pois esse não é o objetivo do texto. Já publiquei essa passagem em alguns lugares e futuramente publicarei de novo. O importante é que eu realmente acreditava que tinha criado o primeiro super-herói brasileiro! E por muito tempo, dentro dessa evolução, escrevendo as histórias e pensando isso, e em como seria revolucionário apresentar a ideia na Abril quando eu fosse adulto.

Foi então que, quase 10 anos depois, passei pela banca de jornal da minha rua, em que o jornaleiro fazia questão de dizer que eu era o seu “melhor cliente”, peguei a revista **Herói** nº 20, provavelmente em 1995, e, folheando, fiquei totalmente estupefato com uma matéria sobre super-heróis brasileiros que eram publicados nas bancas nos anos 1960 e, no caso do Capitão 7, tinha até programa de TV.



OS HERÓIS

VOCÊ SABIA QUE O BRASIL JÁ TEVE SUPER-HERÓIS? ENTÃO, APRESENTAMOS AGORA OS SUPER-SERES QUE O PAÍS ESQUECEU



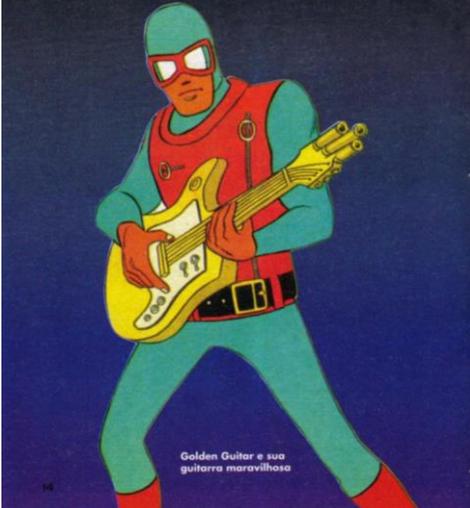
O Brasil já foi um país repleto de super-heróis, pode acreditar: Nos anos 60 e 70 eles viviam voando e distribuindo tabeas em bandidos no Brasil inteiro. Havia heróis para todos os gostos: Capitão 7, Golden Guitar, Escorpão, Morcego, Raio Negro. A lista é interminável. O primeiro personagem brasileiro que merece o nome de super-herói foi o Capitão 7. Ele surgiu no começo dos anos 60 num seriado de TV exibido pelo canal 7 e era vivido pelo ator Aires Campos. Algum tempo depois o herói foi para os quadrinhos. Capitão Sete era Carlinhos, um menino que foi levado para o Sétimo Planeta, onde desenvolveu habilidades sobre-humanas e se tornou uma espécie de Super-Homem brasileiro com super-força, capacidade de voar e super-inteligência. Outro herói bastante conhecido nos anos sessenta era o Raio Negro. Ele surge quando o Tenente Roberto Sales, da Força Aérea Brasileira, recebe de Lid, um alienígena de Saturno, um anel de luz negra. O anel dá super-força, capacidade de voo e super-velocidade. O herói Raio

DO BRASIL



Negro foi criado e desenhado por Gedeone Malagola. Um dos heróis mais engraçados e diferentes de que se tem notícia é o Golden Guitar. Ele era o ídolo da juventude brasileira, Renato Fortuna, um cantor de iê-iê-iê, aquela turma que curtia a Jovem Guarda. Mas quando o perigo rondava, Renato se

transformava em Golden Guitar. O herói possuía a arma mais sensacionalmente estranha de que já se ouviu falar: a Guitarra Dourada, que tinha câmera embutida, gravador, gás lacrimogêneo e mais um monte de armas. Com ela, o herói enfrentava bandidos cantando músicas de Roberto e Erasmo Carlos. Golden



Golden Guitar e sua guitarra maravilhosa



Guitar foi criado por Rivaldo A. Macedo e desenhado por Benedito A. Silva e Rubens Cordeiro e foi criado em 1966.

Esses heróis que acabamos de mostrar eram quase sempre uma simples cópia de personagens americanos. Copiava-se o Fantasma, o Tocha Humana, os X-Men e o Batman. Na época, ainda não se publicavam os personagens americanos aqui, o que facilitava bastante o surgimento dos heróis brasileiros. Eles lutavam quase sempre contra espíões, alienígenas e comunistas. As histórias, em sua maioria, eram bastante fracas, mas mesmo assim eram legais porque mostravam todo o modo de vida dos anos 70. Mas os heróis brasileiros infelizmente tiveram vida curta. A invasão dos personagens americanos, principalmente os da Marvel, tomaram o mercado. Outro motivo, talvez o principal, foi a crise do petróleo nos anos 70, que encareceu o produto e enterrou de vez os super-heróis brasileiros.



À esquerda: Judoka, criado em 1969. Era roteirizado por Pedro Fínio e desenhado por Eduardo Baron, Mario Lima e outros. ficava: o Morcego, uma mistura entre Batman e Fantasma, ídolo: Bola de Fogo, uma imitação do Tocha Humano.



Realmente foi uma informação incrível! A chamada da matéria, usei no site **Brasil Comics** e mantenho na introdução do livro feito a partir desse material: “Você pode não saber, mas o Brasil é uma terra povoada por super-heróis”.

A revista **Herói** da editora Nova Sampa foi um fenômeno estrondoso nos anos 1990, pois ela reunia informações sobre todos os personagens que a garotada curti na época, principalmente sobre a febre do momento, o anime **Cavaleiros do Zodíaco**, do qual confesso que nunca consegui gostar. Aproveitando, só um aparte, a revista **Herói** necessita de um registro histórico, pois praticamente ninguém o fez, e ela não está no **Guia dos Quadrinhos**, por exemplo.

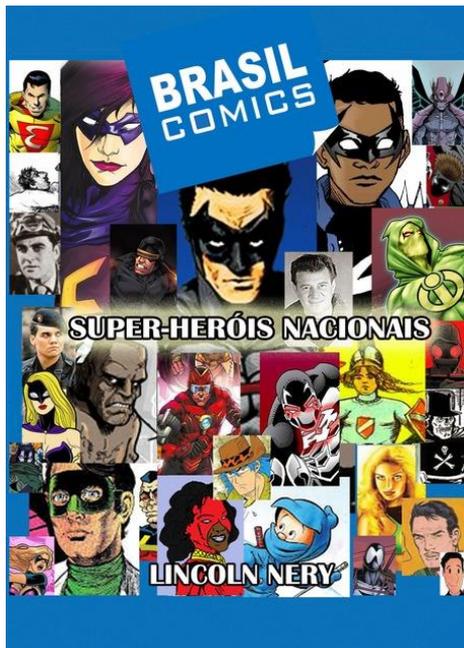
Saber que existiam outros super-heróis brasileiros era uma informação de explodir cabeças na época, mas apesar da importância, e devemos dar crédito aos editores por publicarem a matéria, o tratamento dado estava muito aquém da importância histórica que era trazida.

Os heróis brasileiros nem eram mencionados na capa da edição, e poucos eram os personagens citados: Capitão 7, Judoka, Raio Negro, Morcego, Bola de Fogo e Golden Guitar. A matéria dizia algo sobre eles refletirem os anos 1960, e que desapareceram com a chegada da Era Marvel no Brasil.

Confesso que não me agradei muito com o que foi dito sobre as histórias e visuais dos personagens apresentados, então acreditei que eles tinham “sumido” por falta de carisma, ou algo assim. Até gostei do Judoka e do Raio Negro, mas nada demais.

Mas com a chegada dos anos 2000 tivemos uma grande evolução em nossas vidas, a internet chegou à casa dos brasileiros, e finalmente pudemos começar a usufruir da comunicação descentralizada e distribuída, e que cada vez se mostra mais importante nas nossas vidas.

Na época, eu estava aprendendo de forma autônoma a criar sites, pois meu grande objetivo era criar um megaportal sobre o Batman, trazendo todas as informações possíveis sobre o herói, algo que faltava aos sites dedicados ao Cavaleiro das Trevas naquele momento. Tínhamos um que falava dos filmes, outro da série de TV, e assim ia. Outro fator importante: apenas os vilões e personagens coadjuvantes mais famosos e clássicos tinham um perfil com seus históricos publicados na rede mundial de computadores, então, eu afirmo, sem pestanejar, que coube a mim colocar o primeiro perfil com histórico em língua portuguesa da hoje tão falada Arlequina, muito antes de existir Wikipédia.

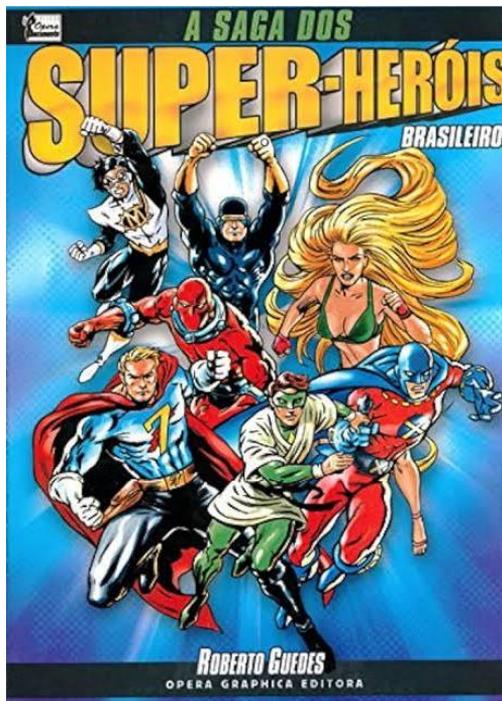
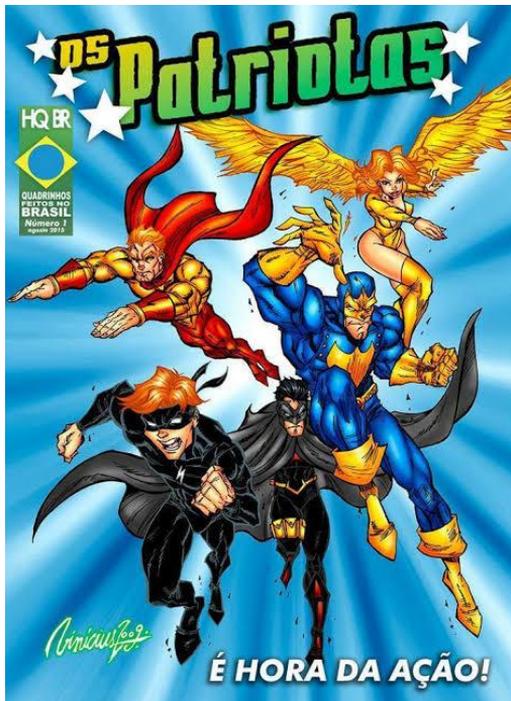


Porém, com o projeto “Batman – A Trajetória” no ar, comecei a pensar naquele punhado de heróis brasileiros que vi na revista **Herói** e pensei: – “Ora, por que não fazer um catálogo sobre eles? Também pode ser uma plataforma para eu divulgar as minhas criações”.

É quando surge o que chamo de “Retomada dos Anos 2000”, pois eu não apenas reuni os heróis já citados, como garimpei e achei outros como o Capitão Estrela (1961) e o Aba Larga (1962), como também descobri que, diferente do que dizia a matéria da revista **Herói**, muitos autores estavam por aí, divididos em seus nichos, sem terem como se comunicar em grande escala, apesar dos fanzines e HQs independentes fazerem um ótimo trabalho na questão de descentralização de informações, seus alcances ainda eram muito limitados aos seus bairros ou cidades de publicação.

Seja como for, com a internet todo o Brasil soube que nos anos 1970 Emir Ribeiro estava ativo com a Velta e suas outras criações, o Tony Fernandes publicava o Fantastic Man nos anos 1980, autores como Gabriel Rocha estava em plena atividade com o Lagarto Negro nos anos 1990, entre tantos outros. E o mais importante, assim como eu fazia com o Jou Ventania, outros autores também já estavam na internet publicando seus personagens como o Fernando César Fonseca e seu Armagedon e o Rodrigo dos Santos com seu Anjo Urbano.

O **Brasil Comics** foi sem dúvida o epicentro da “Retomada dos Anos 2000”, pois a sua visibilidade trouxe autores como Rod Tigre a revisitarem suas criações infantis, e trazer, por exemplo, o Blenq para o jogo, assim como o Bruno Sauerbronn com o Homem-Escudo, entre tantos outros que foram aparecendo na extinta rede social Orkut e na “comunidade” de artistas que publicavam seus super-heróis no fotologue Terra. Essa sinergia fez surgir trabalhos como Os Patriotas, uma equipe que reunia personagens de diversos criadores. Mas apesar das ideias estarem “fervilhando”, por algum motivo que desconheço, mas bem comento na introdução da versão final do livro **Brasil Comics** da editora Agbook, as informações “oficiais” continuavam a dizer que a produção de super-heróis brasileiros havia encerrado nos anos 1960.

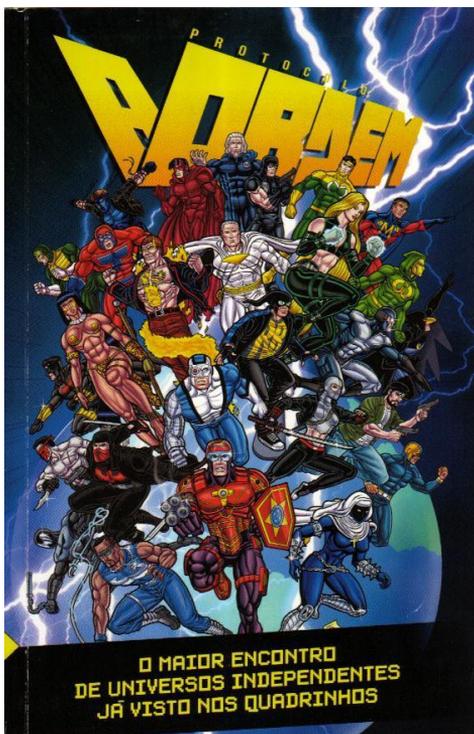


Realmente não entendo como grandes pesquisadores como Roberto Guedes, inclusive criador do Meteoro, não menciona a “Retomada dos Anos 2000” em seu mega trabalho feito no livro **A Saga dos Super Heróis Brasileiros**, publicado pela Opera Graphica já em 2005, três anos depois da estreia do site **Brasil Comics**, que já continha essas informações.

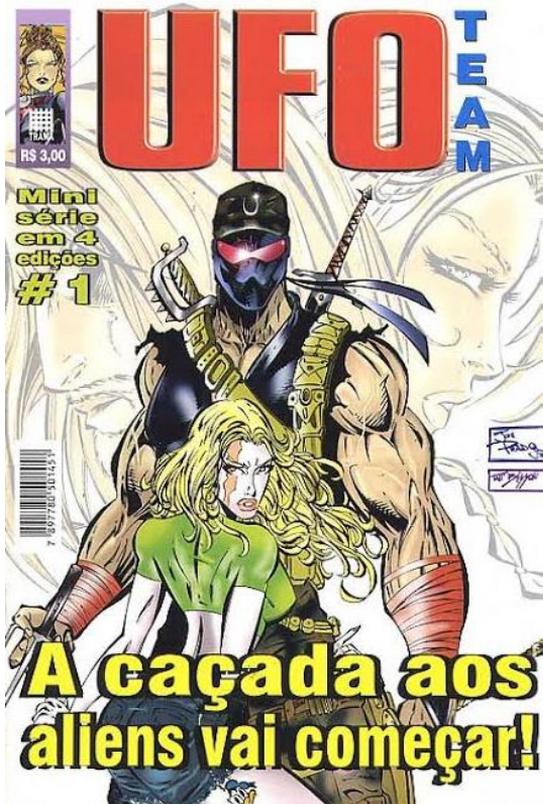
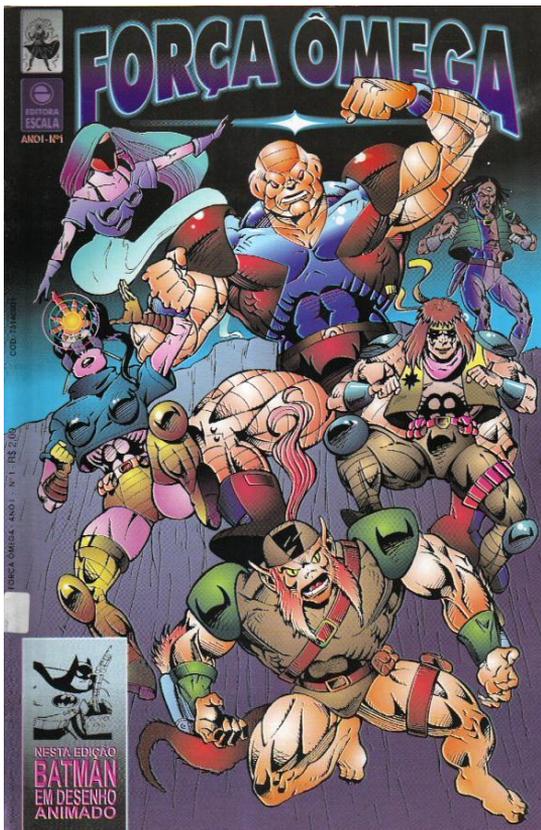
Decepcionante foi, ao ser convidado para a estreia do documentário, em 20 de agosto de 2008, **Quadrinhos** do canal Brasil, que apesar de muito bem produzido, comete a mesma falha ao dizer no episódio sobre super-heróis brasileiros que a produção acaba nos anos 1960. O convite que recebi está até publicado na última versão do livro **Brasil Comics** que já mencionei.

Realmente, não consigo entender, se até me convidaram para a estreia do programa, como ninguém viu o conteúdo do site **Brasil Comics**, que mostrava diversos heróis criados depois dos anos 1960, lembrando que nessa época até o então todo-poderoso site **Omelete** dava notícias sobre um possível filme da Velta, e o Galha era divulgado no referido site, fora o **UniversoHQ**, **Bigorna** etc.

De qualquer forma, a “Retomada dos Anos 2000” só continuou a crescer e florescer, pois a criação de super-heróis brasileiros não parou com a chegada de nomes como o Bombeiro Mascarado de Juan Victor, Doutrinador de Luciano Cunha, Xamã de Eberton Ferreira, Capitão Red de Elyan Lopes, que encabeçou o mega crossover de super-heróis brasileiros, **Protocolo: A Ordem** em 2016 e que ganhou o Prêmio Angelo Agostini de Melhor Lançamento Independente.



Lembrando que nos anos 1990, editora de médio porte como a Escala lançou a sua **Força Ômega**, e a editora Trama publicou um universo compartilhado idealizado por Marcelo Cassaro, que contava com publicações como **Capitão Ninja** e **UFO Team**, mas que decepcionaram quando líamos que as histórias se passavam nos Estados Unidos, mesmo com artistas brasileiros desenvolvendo o material.



Eu até acho que o pessoal está exagerando na criação de tantos heróis brasileiros hoje em dia, pois alguns, por possuírem a mesma base, acabam parecendo cópia um do outro, os conceitos são muito rasos, e até os nomes parecem a simples junção de palavras aleatórias.

Acredito que já passamos dessa fase de criar, e para ter uma base mais sólida, seria muito mais interessante para todos, que os novos autores olhassem para o que foi feito, e usassem sua criatividade para dar continuidade às histórias dos personagens já apresentados à medida em que seus autores vão se aposentando.

Mas seja como for, não entendo o motivo de tantas obras de pesquisa bem feitas terem simplesmente “pulado” gerações que são ativas até hoje.

Uma pena para os dados históricos no Brasil.

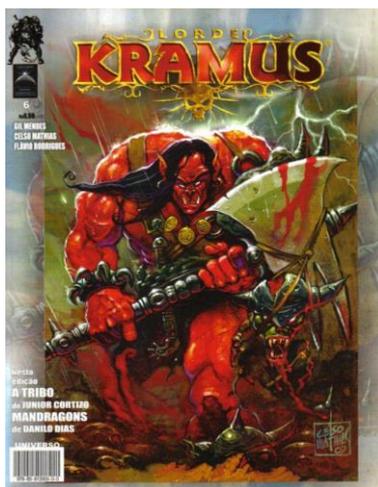
NOTAS COMPLEMENTARES

A criação de personagens e revistas no meio independente é realmente muito grande e é muito difícil fazer um levantamento de toda essa produção. Mas vou citar algumas iniciativas que fazem parte da “Retomada dos Anos 2000” e que deram destaque aos heróis e super-heróis.

José Salles, com a editora Júpiter II, publicou quase duas centenas de revistas contemplando personagens como O Gaúcho, Corcel Negro, Vulto, Crânio, Brigada das Selvas, Meia Lua, Patrulha do Espaço, Velta, Lagarto Negro, Raio Negro, Guardiã, Máscara Noturna, Meteoro, Capoeira Negro, Hu-Quan, Comando V, Rajada, Tormenta, Capitão MacNamara, Reação e Blenq.

Gil de Mendes, com a Editora Universo, publicou cerca de uma centena e meia de revistas com Pistoleiro Estelar, Super Tinga, Tribunal, Lorde Kramus, Adão, Guardiões, Mercenária, Arcádio, Penitente, Ciclone, Guerreiro da Luz, Homem-Caveira, Ódio, Nadja, Relâmpago Negro, Catalogador, Wolfgar, Frank, Cangaceiro, Proscrito, Ágata, Capitão Delta, Blindado, Vigia, Lagarto Negro, Redentor, Ginasta, Coruja, Jou Ventania, Cara de Gato, Bispo, Crânio, Os Sete e Cover.

Mais recentemente, as lojas virtuais Kalimazine, Kimera, O MarteloHQ e Amorimverso têm publicado e comercializado centenas de edições, personagens e autores.



Na parte de registro de personagens brasileiros, tanto antigos como os mais recentes, destaque para Lancelott Martins com sua **Enciclopédia Heróis Brasileiros**, já com quatro volumes, cada um com uma centena de verbetes sobre heróis e super-heróis nacionais, sendo quase metade de personagens criados a partir do ano 2000.

A revista **Múltiplo**, de André Carim, que completa uma centena de edições, traz tanto a produção de histórias atuais no gênero super-herói como o registro dos lançamentos recentes com resenhas de André e Adalberto Bernardino.

E por fim, o **QI**, que desde 1993 vem registrando uma boa parcela do que se publica no meio independente, incluindo os fanzines e edições independentes de heróis e super-heróis. Já são quase duzentas edições, cada uma divulgando até uma centena de publicações de todo tipo.